

Matthew Appleton

Summerhill

Uma infância com liberdade



Do original em língua inglesa
A FREE RANGE CHILDHOOD
Self regulation at Summerhill School
Copyright © 2000, 2017 by Matthew Appleton
Direitos desta tradução reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Neris**
Tradução: **Luis Gonzaga Fragoso**
Revisão da tradução: **Samara dos Santos Reis**
Capa: **Santana**
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**
Fotografias: **Matthew Appleton**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado:
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br
Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Prefácio	9
Introdução	11
Crianças livres	15
O conflito com o Ministério da Educação	19
1 DESCOBRINDO SUMMERHILL	25
O ensino público	26
Uma escola que seja adequada à criança	30
Visitando Summerhill	33
A “idade dos gângsteres”	37
2 O RELACIONAMENTO ENTRE O ADULTO E A CRIANÇA	45
O papel dos adultos	49
As crianças recém-chegadas e a saudade de casa	57
As crianças longe dos pais	63
3 UMA CULTURA DAS CRIANÇAS	71
A vida social das crianças	77
A ida à cidade	80
A hora de dormir	84
Pais, visitantes e novos funcionários	86
As crianças mais velhas e sua influência na comunidade	91
4 AS ASSEMBLEIAS COMUNITÁRIAS	99
O respeito aos direitos alheios	103
A elaboração das leis	108
O descarte das leis	115

5 DESTRUTIVIDADE E MELANCOLIA	121
Um trio problemático	122
O conflito entre os pais e a escola	130
A liberdade e a aceitação são terapêuticas	134
6 AULAS NÃO OBRIGATÓRIAS	141
O autoisolamento	144
A “adulteração” da infância	146
Cuidando das emoções	149
Os alunos escolhem seus cursos	158
7 XINGAMENTOS, MALCRIAÇÕES E CAMAS DESARRUMADAS	163
Xingamentos e obscenidade	163
A civilidade natural	170
Nutrição alimentar e emocional	172
O adulto controlador	177
Espiritualidade e religião	183
8 AS EMOÇÕES E A COURAÇA	191
A expressão emocional e o desenvolvimento da sensatez	193
As emoções em bebês e em crianças pequenas	199
Wilhelm Reich	202
Expansão e contração	208
9 O CONTINUUM SEXUAL	217
A sexualidade infantil	224
A sexualidade adolescente	230
O adulto diante da sexualidade da criança e do adolescente	234

10 A LINGUAGEM DA CULTURA, A LINGUAGEM DA VIDA	241
A educação no Japão	246
As crianças japonesas em Summerhill.	250
Rumo à autorregulação.	254
Bibliografia selecionada e comentada	261
Posfácio	269
Um breve relato autobiográfico	273

PREFÁCIO

DURANTE NOVE ANOS, Matthew Appleton foi o *pai*¹ das crianças que moram nas *House Kids*² em Summerhill. Nesse período, tornou-se parte integral da escola. Sua estadia em Summerhill e suas observações acuradas colocam-no numa posição invejável para escrever a respeito da escola de uma perspectiva pessoal. Claro que não concordo com tudo no relato de Matthew sobre Summerhill, pois esta é uma comunidade de crianças democrática, próspera e orgânica, em constante mudança e evolução, de modo que ninguém poderia defini-la com precisão ou apresentar uma perspectiva definitiva dela.

Depois da partida de Matthew, lutamos na Justiça contra o governo, que pretendia mudar Summerhill radicalmente ou então fechá-la. E ganhamos a causa. Em consequência do grande interesse por Summerhill despertado por esse caso judicial, percebi que essa não é somente uma escola numa cidadezinha pacata no interior da Inglaterra. Em razão de toda essa publicidade, a comunidade de Summerhill quase dobrou de tamanho desde a saída de Matthew, mas seu testemunho sobre a escola ainda é atual, original e pleno de vigor, e tão bom quanto qualquer outro.

A visão de Matthew sobre a infância e sobre Summerhill se expandiu e se desenvolveu durante sua estadia como *pai* na escola. Este livro descreve a vida cotidiana em Summerhill tal como era quando ele trabalhou conosco. Em essência, a estrutura da escola é a mesma hoje. O leitor poderá,

1. No original, *houseparent*, cuja tradução literal seria *pai da casa*. A função do *houseparent* é atuar como pai substituto das crianças, tanto resolvendo questões práticas do dia a dia (lavar suas roupas, por exemplo) quanto lidando com eventuais problemas emocionais. Daí nossa opção, na tradução, pelo termo “pai”, que será grafado em itálico toda vez que se referir à função de “pai substituto”. Note-se também que o termo “pai”, em nossa tradução, será usado no sentido genérico (*parent*), referindo-se tanto ao pai quanto à mãe. [N. T.]

2. Crianças que têm entre 10 e 13 anos. São assim chamadas porque vivem na grande casa (*House*) que costumava ser o prédio principal da escola. [N. T.]

Matthew Appleton

portanto, ter uma boa ideia do que significa viver em Summerhill, tanto para uma criança quanto para um adulto. Aqui, o autor recorre a inúmeros exemplos e histórias para ilustrar uma visão da escola que somente alguém em sua posição poderia ter. Bem-humorados, muitos dos relatos me remetem à época em que eu mesma fui aluna da instituição.

Matthew era bastante popular na escola, permitindo a Summerhill operar sua mágica sobre ele, ao mesmo tempo que, em troca, oferecia uma grande contribuição à comunidade. Esta é uma visão pessoal e ingênua de sua convivência conosco. Seu relato é saboroso e aborda algumas questões importantes, ainda que delicadas, sobre métodos modernos de educar crianças. Por isso, não tenho a mínima hesitação em recomendar a leitura de *Summerhill – Uma infância com liberdade*.

ZOË READHEAD

Diretora da Escola Summerhill

Leiston, Suffolk, Reino Unido, 2002



INTRODUÇÃO

A IMAGEM CORRENTE de Summerhill na sociedade sempre foi cercada de polêmica. Na mídia, a instituição é muitas vezes retratada como a “escola do escândalo”, a escola onde “você faz o que bem entender” e a “escola sem regras”. A ideia de que as crianças regulam a própria vida sem a interferência dos adultos é estranha para a maioria, e facilmente descartada e classificada como modismo ou excentricidade irrelevante, sobretudo quando a linguagem da mídia é a única pela qual grande parte das pessoas ouve falar de Summerhill. Os inúmeros jornalistas e cineastas que visitam a escola têm interesses particulares. Sua pauta é normalmente centrada no seguinte trinômio: sexo, palavrões e fumo – palavras que carregam preocupações em relação ao progresso acadêmico em um ambiente em que as crianças não são obrigadas a frequentar as aulas. No entanto, são poucas as tentativas sérias de entender os processos mais profundos da vida de Summerhill e o que estes têm a nos dizer sobre a natureza da criança.

O mesmo se aplica aos círculos acadêmicos. Na esteira do sucesso do livro de A. S. Neill, *Liberdade sem medo*³, na década de 1960 uma obra intitulada *Summerhill: prós e contras* foi publicada nos Estados Unidos. Trata-se de uma compilação de ensaios escritos por educadores, psicólogos, críticos e outros, em que cada qual dá sua opinião sobre Summerhill. O primeiro autor declara: “Prefiro mandar um filho meu a um bordel a matriculá-lo em Summerhill”. O segundo, membro do clero, descreve Summerhill como “um lugar sagrado”. Tal é a natureza da disputa filosófi-

3. *Liberdade sem medo (Summerhill) – Radical transformação na teoria e na prática da educação*, publicado pela editora Ibrasa, de São Paulo. A primeira edição brasileira do livro (cujo título original é *Summerhill*) é de 1960. [N. E.]

ca que permeia o livro. Cada um desses ensaios reflete as ideias acadêmicas e teóricas de seu autor, seus preconceitos e anseios, e a área particular de “especialidade” na qual ele se baseia. Lendo-os da perspectiva de alguém que morou em Summerhill, onde trabalhei como *pai* durante nove anos, o que me surpreende é a pouca relação entre tais ensaios e a vida real em Summerhill, sejam eles a favor ou contra a escola.

Esses livros são fonte de entretenimento intelectual, mas, como era de esperar, não tocam no ponto principal. Não estão baseados na experiência, mas na opinião, e tão somente nela. Muitos dos autores certamente têm experiência com crianças, mas não com crianças no ambiente de Summerhill. Poderíamos esperar do responsável por um zoológico uma explicação minuciosa sobre o comportamento dos animais em seu ambiente natural sem que ele os estude antes? A conclusão a que chegamos, no caso de um tigre, por exemplo, é que, em estado natural, ele passa os dias caminhando de um lado a outro, sem energia nem entusiasmo, sendo incapaz de se defender. A experiência em uma área não justifica o julgamento em outra. É preciso, antes de tudo, ter familiaridade com o novo campo de estudo para falar com propriedade sobre seu conteúdo.

Nesse sentido, o mundo da criança criada com liberdade ou autorregulada escapa aos limites de qualquer instituição ou tradição acadêmica, seja psicológica, sociológica ou educacional. Até que tais disciplinas aceitem esse mundo de maneira séria e prática, ele permanecerá sob o domínio daqueles que o construíram, a saber: os poucos pais, educadores, médicos e outros que tiveram uma experiência empírica em Summerhill, além das próprias crianças.

Em razão da abundância de conceitos equivocados, e também em virtude da minha relação com o tema, procurei escrever um livro descritivo e fidedigno sobre a vida diária em Summerhill em vez de me preocupar com teorias abstratas. (Na verdade, não existe uma teoria grandiosa que molde Summerhill; a escola constrói a si mesma em torno das necessidades práticas e emocionais das crianças e dos adultos que ali vivem em determinado momento. Assim, a única premissa é a confiança de que as crianças aprenderão a seu ritmo e não devem ser “impulsionadas” nem “moldadas” por

adultos ansiosos para tornar-se “cidadãos decentes”.) Embora eu tire conclusões dessa experiência e a compare com outras abordagens em relação às crianças, minha intenção é a de que essas observações questionem as ideias universalmente aceitas sobre a natureza infantil. Porém, este não é um manual de instruções que descreve como educá-las. Tal abordagem não pode ser aprendida de forma metódica nem aplicada mecanicamente; é uma maneira de abordar a vida que precisa ser sentida e na qual se deve confiar. Além disso, cada situação tem um meio social próprio que necessita ser levado em conta.

Os relatos mais detalhados sobre Summerhill são aqueles descritos nos livros de A. S. Neill. Estes remontam à década de 1920, quando ele fundou a escola, e se estendem até a década de 1970, quando faleceu. Até o momento, além do relato de Neill sobre Summerhill, este é o único, em detalhe e em primeira mão, a ser publicado. Não o escrevi por considerar Neill ultrapassado, mas, ao contrário, pelo fato de sua compreensão da infância e da adolescência ser tão válida hoje quanto era naquela época. Na verdade, ela pertence mais ao futuro que ao passado.

Qual é, então, a relevância particular deste livro? Em certa medida, à minha maneira, reitero parte do que Neill escreveu. Isso é inevitável, já que estamos tratando do mesmo assunto. Contudo, não estou aqui simplesmente regurgitando sua filosofia, tampouco fazendo pregações sobre suas políticas; escrevo com base em minha experiência e faço observações e questionamentos próprios.

Comecei a sentir necessidade de escrever este livro depois de conversar com visitantes da escola e de ter dado palestras. As perguntas surgidas deixavam claro que ainda havia muitos aspectos incompreendidos sobre Summerhill. Foi com base nessas questões e nos mal-entendidos formados na mente das pessoas que este livro começou a tomar forma. Ele nasceu, também, de certa frustração que senti após mostrar a escola a jornalistas e cineastas que a visitavam. Os artigos e filmes resultantes dessas visitas, em geral, eram clichês decepcionantes que, de alguma forma, pareciam se distanciar da essência de Summerhill. Concluí, então, que eu mesmo deveria tentar traduzir a essência da escola em vez de esperar que outra pessoa o fizesse.

Além disso, a sociedade passou por profundas alterações desde os tempos de Neill. Seus livros foram escritos numa época em que as crianças deveriam ser “vistas e não ouvidas”, o castigo físico era a norma e tanto a escola quanto o lar eram, em grande medida, dominados por valores rígidos e autoritários. Que importância tem Summerhill hoje, se é que tem alguma? A escola teve de mudar para se adaptar aos nossos tempos? Que tipo de problema as crianças trazem consigo atualmente? Essas são as perguntas feitas pelas pessoas e às quais procurei responder aqui.

Este é um período estimulante na história de Summerhill. Hoje, mais de 25 anos após a morte de Neill, seu bebê atingiu a maioridade e se mantém firme sobre os próprios pés sem a presença do pai. Em *Summerhill: prós e contras*, Bruno Bettelheim escreve sobre Neill: “Ele não percebe que Summerhill dá certo não somente por ter o ambiente adequado para criar crianças, mas porque ela é nada mais que uma extensão de sua personalidade”. Muitos acreditaram que, quando Neill morresse, Summerhill também pereceria. Alguns esperavam que isso ocorresse. Mas Summerhill é hoje uma escola bem-sucedida, mesmo sem Neill no comando. Isso não diminui o valor de seu fundador; mostra, porém, que a escola não é apenas produto de sua personalidade, mas também de sua profunda compreensão das necessidades infantis.

Minha descrição da vida em Summerhill não é imparcial, mas permeada por fortes convicções e por meu envolvimento pessoal. Porém, tentei ser tão sincero e objetivo quanto possível. Ao longo dos anos que vivi em Summerhill, tive de rever permanentemente minhas ideias, à medida que novos acontecimentos mostravam-me um caminho diferente. Uma das alegrias de Summerhill é o fato de as crianças serem abertas e compartilharem de imediato o que estão pensando e sentindo. Aprendi muito com elas, ouvindo e cedendo, esperando para ver o que acontecia. Este é um tipo de liberdade que Summerhill oferece ao adulto: viver com crianças sem ter de lhes fazer imposições.

CRIANÇAS LIVRES⁴

A expressão “crianças livres” era usada na escola na época em que nela permaneci e apareceu em um ou dois artigos de jornal naqueles tempos. Eu a usei no título original deste livro por achar que ela descreve muito bem a liberdade descontraída que as crianças experimentam ali. Elas são verdadeiramente livres, no sentido de que podem brincar pelas dependências da escola quanto quiserem sem a supervisão de adultos. Mas elas também são livres no âmbito dos pensamentos e sentimentos, podendo expressá-los sem ser restringidas por conceitos adultos como “bondade” ou “civilidade”. Isso nos dá a oportunidade única de observar a natureza das crianças sem nossas limitações morais e de organização. Podemos aprender algo não apenas sobre a natureza da criança, mas também sobre a nossa natureza – que está, afinal, enraizada em nossa experiência de criança. Como disse um pai em uma palestra realizada na escola: “Não se aprende sobre a natureza das galinhas estudando galinhas movidas a pilha”.

Para tirar conclusões sobre a natureza das crianças de Summerhill, é essencial entender a dinâmica mais ampla da capacidade infantil de lidar com a autorregulação – e como esta é obstruída por costumes e atitudes sociais correntes. Neill começou a falar em autorregulação no final da década de 1940. O termo, da forma como é aplicado a crianças, tem origem no trabalho de Wilhelm Reich, que era amigo íntimo de Neill. Embora seja verdade que as crianças regulam socialmente a própria vida em Summerhill, a capacidade de regular a vida emocional varia de indivíduo para indivíduo. Tanto Neill, como educador em Summerhill, quanto Reich, que era médico, reconheciam os danos causados a bebês e a crianças pequenas quando suas necessidades eram atendidas de forma precária, bem como os efeitos que isso pode causar pela vida afora.

Nosso senso de identidade é moldado pela experiência, e as experiências de nossa mais tenra idade moldam o núcleo da identidade – base na qual

4. No original: *free range children*. Quando aplicado, por exemplo, a galinhas, o adjetivo refere-se às galinhas caipiras, que são criadas em liberdade. [N. T.]

as percepções futuras serão modeladas. O contato físico é a linguagem primordial da vida. É por meio dele que o recém-nascido se aproxima de forma mais imediata do mundo. A maneira como ele é tocado naquelas primeiras horas, dias, semanas e meses define o que ele é: um ser amado e querido ou alheio à vida e incompreendido. Sua relação com o mundo começa a ser delineada. Este é um lugar em que seus desejos são satisfeitos ou o mundo lhe impõe as próprias regras, mecânica e friamente? Quando ele chorava, desejando o contato com o outro, foi carregado no colo e recebeu consolo ou deixaram-no chorar sem lhe dar ouvidos até que se cansasse e desistisse? Essas experiências nos modelam. Quando ele procurava o seio, o bico era quente, úmido e vibrava à medida que interagia com as membranas sensíveis de sua boca? Ou duro, frio e contraído? Talvez ele tenha apenas experimentado a borracha dura da mamadeira. Ele ficava com a impressão de que faltava algo? Quando olhava para os olhos da mãe, o que via? Ternura e amor, ambiguidade, ódio? Que conhecimento ele terá de si mesmo no futuro?

A criança pequena não racionaliza. Tudo acontece no momento, e se o momento é insuportável, ela se retrai, fechando os olhos, prendendo a respiração e contraindo os músculos. Da mesma forma, se as necessidades da criança são atendidas, ela se expande para o mundo, olhando-o de frente, inspirando-o fundo em direção ao seu âmago, desfalecendo nele e no prazer de suas sensações corporais. Talvez a criança tenha as necessidades satisfeitas em alguns aspectos, mas não em outros. Se ela reclama, como seu protesto é encarado? Com indiferença? Raiva? Compreensão? O que isso nos diz sobre o que podemos esperar da vida? A criança não pensa a esse respeito, mas suas reações moldam suas expectativas: não sinta muito profundamente, pois dói; não adianta tentar, não vale a pena; você precisa lutar por aquilo que quiser; a vida supre as necessidades: ela é boa.

Durante a infância, esses modelos podem ser reforçados ou enfraquecidos por experiências novas. De que forma nos fazem sentir em relação a nosso corpo? Devemos ter orgulho ou vergonha do que somos? Quando crianças, que reações provocamos quando desfilamos nus pela casa ou descobrimos prazer em nossos genitais? Fomos forçados a ir regularmente ao banheiro antes de nossos intestinos estarem prontos para isso? Tivemos de

forçar para que algo saísse, a mando de alguém, ou de produzir algo para agradar à mamãe, ou isso aconteceu naturalmente no tempo certo? Sentimos como se tivéssemos de lutar contra nosso corpo, que ele nos traiu, que ele não mais nos pertencia, mas lá estava para agradar aos outros? Segurávamos as necessidades fisiológicas por ódio? Sujávamo-nos com fezes por vingança? Ou isso não era grande problema, somente algo que ocorria naturalmente, uma fonte de satisfação e de prazer?

A autorregulação só pode ser desenvolvida quando os pais são capazes de acompanhar o desenvolvimento natural da criança e de atender às suas necessidades sem infligir crenças desnecessárias – como deixar o bebê chorando, restringir a alimentação a horários rígidos, instituir precocemente o treino do uso do banheiro ou reagir de forma negativa à masturbação e à nudez. Por natureza própria, a autorregulação não é um “método” que possa ser aplicado; depende de um profundo contato emocional entre os pais – especialmente a mãe – e a criança. Como esta não se expressa com palavras, os pais devem ser capazes de se guiar por suas expressões e de interpretá-las. Mais tarde, terão de recuar e dar ao filho maior independência.

A maneira como as crianças maiores, ou até mesmo os adultos, conseguem regular as próprias necessidades depende, em grande medida, de como estas foram satisfeitas quando elas eram pequenas. Esse aspecto, que vi claramente nas crianças em Summerhill, é abordado em todo o livro. A capacidade de regular a vida sem ansiedade nem frustração é variável – até mesmo em Summerhill. A experiência me permite dizer que os alunos de lá, em geral, são mais capazes de regular a própria vida – social e emocionalmente – do que muitas crianças que são submetidas a dez anos de educação compulsória. Mas, para compreender isso de maneira ampla à medida que influencia a vida do indivíduo, é importante não perder de vista as primeiras influências na vida da criança e considerar a autorregulação um processo unificado do nascimento até a adolescência.

Este livro não pretende, em absoluto, ser porta-voz de Summerhill. Ou seja, o que escrevi não deve ser considerado a “política oficial” da Escola Summerhill. O que ele representa é minha experiência nessa escola, descrita

com base nos nove anos que ali vivi e trabalhei como *pai*. A questão fundamental é que não há contradição entre o que escrevi e como a escola se apresenta de modo geral, o que não significa que todas as conclusões a que chego, ou a ênfase que dou a áreas específicas da vida comunitária, sejam compartilhadas por toda a comunidade ou por sua diretora, Zoë Readhead. A experiência de Summerhill é muito mais ampla e diversa do que o ponto de vista de uma única pessoa. No entanto, não desejo passar a impressão de que este livro é mera opinião. Ele é resultado de anos de observação paciente e trabalho árduo, escavando para chegar ao que está sob a superfície, tanto na escola quanto dentro de mim à medida que reagi a isso.

Já faz dois anos que deixei Summerhill. Este livro foi escrito enquanto eu estava na escola e, relendo-o agora, sinto pouca necessidade de fazer alterações. Embora meus pontos de vista tenham mudado um pouco em um ou outro aspecto, prefiro deixar o texto como está, para que ele se expresse com a voz autêntica do momento. Da perspectiva que tenho agora de ver Summerhill de fora para dentro, ao invés do contrário, estou muito feliz em acreditar no que escrevi e em sentir, mais do que nunca, que a sociedade como um todo precisa movimentar-se em direção à abordagem de Summerhill. Depois de ter escrito esta obra, houve algumas mudanças estruturais nos prédios e na forma como os funcionários estão organizados; além disso, respeitando a natureza do autogoverno, as regras da escola estão em constante mudança. Em essência, porém, elas permanecem as mesmas e só diferem em detalhes menores. Ouvi muitos ex-alunos de Summerhill, ao retornar às vezes 30 ou 40 anos depois, comentarem sobre as poucas mudanças ocorridas em comparação com a época em que estudaram ali; essa é a essência que procuro relatar aqui.

Em um nível mais pessoal, há no livro pequenos, porém comoventes, detalhes que já estão desatualizados, mas prefiro deixar intactos. Descrevo Ena Neill (esposa de A. S. Neill) dando mesada às crianças. Logo depois que deixei Summerhill, Ena faleceu. Como bem sabem aqueles que a conheceram, ela tinha uma personalidade muito marcante; durante a maior parte do tempo em que estive em Summerhill, foi uma presença forte na comunidade. À medida que envelhecia e se tornava mais frágil, ela tinha mais dificul-

dade de sair e de se locomover, mas, sempre que pôde, se esforçou para estar presente nas assembleias, mantendo assim sua influência sobre o ritmo de vida da escola. A maioria dos colegas e das crianças que retrato neste livro já partiu. Ainda conheço muitos dos adolescentes em Summerhill, mas, além de Zoë, há ali somente um funcionário com quem trabalhei. Isso ilustra a rotatividade de funcionários que menciono no texto. Visitei a escola várias vezes nos últimos dois anos, e tenho uma sensação peculiar ao retornar a um lugar que foi meu lar por tanto tempo e encontrá-lo habitado por rostos estranhos. No entanto, a abertura e a aceitação com que tanto os novos alunos quanto a equipe me recebem – além da sensação familiar de penetrar um ambiente em que as coisas fluem mais facilmente – asseguram-me de que a essência de Summerhill, como tentei mostrar neste livro, continua a estimular aqueles que hoje lá vivem.

O CONFLITO COM O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

A maior motivação para escrever este livro foi pensar que talvez, um dia, Summerhill fosse obrigada a fechar. Eu temia que, caso isso ocorresse, independentemente dos motivos que levassem Summerhill a encerrar suas atividades, ela fosse registrada nos livros de História como uma experiência mal-sucedida. Minha expectativa era a de que, ao publicar um documento que mostrasse o contrário, eu pudesse fazer algo para atenuar essas concepções errôneas. É particularmente comovente que, no momento em que escrevo esta introdução, Summerhill esteja sendo ameaçada de fechamento, após a publicação de um relatório condenatório emitido pelo Ofsted⁵. Summerhill sempre teve um relacionamento difícil com os inspetores do governo. Em um documento particular escrito em 1972, pouco antes de sua morte, Neill escreveu: “O relatório feito pelo inspetor John

5. Sigla para “Office for Standards in Education”, órgão do governo inglês encarregado de verificar o cumprimento das exigências e dos critérios legais impostos pelo Ministério da Educação. [N. T.]

Blackie é a única prova de que pelo menos um homem dentro do HMI⁶ tinha uma pálida ideia do que Summerhill estava fazendo”.

Nos últimos dez anos, a escola foi inspecionada quase anualmente, e essas visitas foram sucedidas da publicação de quatro relatórios oficiais. Neill descreveu Summerhill como “talvez a escola mais feliz do mundo”. Eu acrescentaria a esse comentário que também se trata da escola mais avaliada por inspetores no mundo. Estes têm sido tão intolerantes em relação a Summerhill quanto implacáveis em seu impulso de enquadrá-la numa caixinha burocrática pequena e organizada. A filha de Neill, Zoë Readhead, hoje diretora da escola, comentou após uma inspeção: “Enviar os Inspectores de Sua Majestade a Summerhill é como pedir a ateus que inspecionem uma igreja”. Para mim, acompanhar os inspetores nas visitas à escola equivalia a levar um daltônico a uma galeria de arte e tentar lhe transmitir as impressões das cores vibrantes de um Van Gogh ou de um Jackson Pollock. Lembro-me, sobretudo, de uma cena em particular: dois dos inspetores andavam pela área da piscina. Era uma tarde quente de verão. Eles permaneciam em pé, imóveis, vestidos de cinza, segurando suas pranchetas, em total contraste com as crianças que brilhavam ao sol, bronzeadas, e corriam ao seu redor, pulando e brincando na água e dando risada. Era como se eles tivessem vindo de outro planeta e tentassem entender o que se passava no local onde aterrissaram. As pessoas expressivas em geral não se tornam burocratas; como podem então burocratas julgar o valor da livre expressão da emoção? Neill escreveu sobre os inspetores: “Eles não enxergam o fato de que Summerhill atua com base no princípio de que, se as emoções estiverem livres, o intelecto cuidará de si próprio [...] eles podem avaliar matemática, mas não podem avaliar a sinceridade, o equilíbrio, a tolerância, a felicidade – de qualquer modo, ninguém deveria tentar fazer tal julgamento. Não se pode ensinar nada que importe, [como] amar e fazer caridade, e não se pode avaliar nada que seja importante”.

6. Her Majesty's Inspectors (Inspetores de Sua Majestade), substituídos em meados da década de 1990 pelos funcionários do Ofsted. [N. T.]

O relatório mais recente foi especialmente condenatório e, em consequência, o Ministério da Educação emitiu uma “notificação de queixa-crime”; isso significa que, se a escola não obedecer às recomendações do relatório, o governo a removerá de seus registros e ela será obrigada a fechar as portas. Atendendo às recomendações feitas pelos inspetores ao longo desses anos, a escola realizou várias mudanças estruturais, como a redução do número de crianças por sala – por ter poucos centímetros a menos do que o espaço exigido por criança – e a instalação de uma pia extra aqui e acolá. Tornou-se piada corrente na comunidade o fato de que, sempre que visitavam a escola, os inspetores pediam ainda mais banheiros! As crianças chegaram, ao fim do trimestre⁷, a encenar uma peça de teatro baseada na obsessão burocrática pelos banheiros. Embora muitas dessas mudanças tenham se revelado caras e fossem consideradas desnecessárias pela escola, Summerhill sempre buscou cooperar com os inspetores, embora não esteja disposta a fazer concessões quanto à sua filosofia básica. Se tivesse de fazê-lo, Summerhill não seria mais Summerhill.

O conflito recente enfocou a questão de facultar ou não às crianças a escolha de assistir às aulas, o que sempre foi uma pedra no sapato dos inspetores. “Aqueles que estão dispostos a trabalhar”, descreve o relatório, “alcançam níveis satisfatórios ou até mesmo bons, enquanto ao restante é permitido permanecer à deriva e ficar para trás”. O *ethos* dos inspetores é que as crianças devem alcançar níveis específicos em estágios determinados. Essa abordagem não considera o fato de que elas aprendem em ritmos diferentes e têm um amplo leque de necessidades a ser atendidas além daquelas de ordem acadêmica. Muitos professores de escolas públicas e muitos pais de crianças cuja vida foi prejudicada pela formação escolar sabem que essa abordagem não funciona. Os inspetores foram incapazes de entender que muitas crianças se sentem excessivamente pressionadas e extremamente infelizes com a rotina na qual certos padrões devem ser atingidos. Quando chegam a Summerhill, muitas “ficam à deriva” e “atrasadas”, mas isso não é

7. O ano letivo no sistema educacional inglês é dividido em “termos” (que equivalem a um trimestre), não em semestres. [N. T.]

visto pela escola como um problema. Essa é a oportunidade que elas têm, por certo tempo, de brincar e vivenciar a infância sem as pressões acadêmicas. Cedendo ou tarde, ficarão entediadas de brincar o dia inteiro e começarão a se interessar pelas aulas, alcançando rapidamente o nível dos demais, já que agora estão motivadas a aprender (esse aspecto é explorado em detalhe no Capítulo 6). Se, na visita seguinte, os inspetores acompanhassem algumas das crianças que “estavam à deriva” e “atrasadas”, muito provavelmente as encontrariam absortas em alguma atividade na sala de aula e “alcançando níveis satisfatórios ou até mesmo bons”. Mas, em vez de acompanhar o progresso individual das crianças ao longo dos anos, eles sempre concentram a atenção naquelas que não estão assistindo às aulas; não conseguem, portanto, enxergar o quadro geral. Seus relatórios são como fotografias instantâneas pouco relacionadas com o processo como um todo.

Reagindo à ameaça de fechamento, Summerhill buscou assessoria jurídica e está se preparando para levar o caso ao Tribunal Europeu dos Direitos Humanos. Além do destino da escola, há questões mais abrangentes ligadas a esse conflito. Os pais têm direito a opinar quanto à forma como seus filhos são educados ou o Estado pode desconsiderar completamente os desejos daqueles e impor seus critérios? O que isso diz sobre a democracia em nossos dias ou sobre a função da educação aos olhos do Estado? Se as reclamações tivessem partido dos pais, das crianças ou de ex-alunos, seria legítimo agir em nome deles para proteger seus direitos. Contudo, os pais optaram por mandar seus filhos a Summerhill, uma escolha pela qual eles têm de pagar do próprio bolso, e a maioria das crianças está muito feliz com essa escolha. Vários dos meus *filhos* deixaram Summerhill e são hoje meus amigos. Todos estão irados e aflitos com a maneira como a escola vem sendo julgada e condenada. Longe de vê-la como um lugar que as decepcionou quanto à educação, eles a encaram como uma instituição que os apoiou e respeitou em seu crescimento como seres humanos e como membros de uma comunidade afetuosa.

Para muitos dos que viveram em Summerhill, a ameaça de fechamento significa uma enorme perda pessoal. Para a sociedade como um todo, isso também representa uma perda; afinal, se nós, como coletividade, não

conseguimos tolerar que uma escola pequena, que atrai menos de 80 crianças de várias partes do mundo, faça as coisas de uma maneira ligeiramente diferente, esse é um triste reflexo da cultura de conformidade de massas que se apoderou de nós.

MATTHEW APPLETON
Bristol, Inglaterra
Setembro de 1999



1 DESCOBRINDO SUMMERHILL

A PRIMEIRA VEZ que ouvi falar de Summerhill foi por intermédio de Bron, amiga cujo filho estudava nessa escola. Na época, ela morava na Dial House, uma bela e antiga casa no interior de Essex, a poucos quilômetros de Epping. Umás 12 pessoas dividiam a casa e viviam juntas numa comunidade pequena e informal. A maioria delas era membro da Crass, banda em torno da qual gravitava a contracultura anarcopunk daqueles tempos. Foi durante shows dessa banda que me aproximei de várias das pessoas que viviam na Dial House, e as visitava com frequência. Isso foi em meados da década de 1980. Na época, eu morava no Sul de Londres e apreciava o contraste entre a tranquilidade do campo e o barulho incessante, ensurdecedor e caótico da vida urbana. Havia sempre alguém visitando a casa – alguns só de passagem, outros em estadias mais longas. Sobretudo por causa da banda, a comunidade parecia atrair todo tipo de gente com os interesses mais variados, e era comum eu sair de lá com a cabeça a mil, entusiasmado com as ideias novas com que eu tinha contato. Alguma menção a Summerhill sempre surgia em conversas que pareciam estar em evolução constante, fossem ao redor da mesa da cozinha ou na pequena biblioteca ao lado.

Não foi algo que me chamou a atenção de imediato. Summerhill era uma escola, e nem escolas nem a educação eram assuntos que me despertavam grande interesse. Eu havia abandonado aquilo tudo no dia em que deixei o colégio, alguns anos antes, em 1977, depois de fazer as provas finais. Passei pelo portão de saída da grande escola de Bristol, onde era aluno, e não olhei para trás. Esse lugar de concreto e vidro, macadame e cerca de arame não me deixou nenhum sentimento de nostalgia. Ele me cuspiu